

## Maquiagem: um dispositivo para pensar o feminino na contemporaneidade

### Makeup: a device to think about the feminine in contemporary times

Karoline Cabral Faria<sup>1</sup>, Daniela Franco Carvalho<sup>2</sup>

#### Resumo

A experiência propulsora deste trabalho foi um ateliê de criação, em um evento de Ensino de Biologia, cujos gestos, olhares e falas das visitantes compoem conosco uma pesquisa narrativa. A partir de conceitos sobre o contemporâneo, procuramos compreender a maquiagem como dispositivo para pensar o feminino. Integrando o *corpus* analítico, estão as obras de maquiadoras, artistas e *designers* que encontram brechas e dão novos sentidos à maquiagem. Através das provocações trazidas por suas obras, percebemos que estão em profanação, uma vez que as obras pautadas na maquiagem não agem como um dispositivo de governo, deixando de impor subjetivações aos sujeitos e de levar a um aprisionamento pela beleza que padroniza corpos e feminilidades.

**Palavras-chave:** maquiagem, feminino, dispositivo, profanação.

#### Abstract

The driving experience of this work was a creative studio, in a Biology Teaching event, whose gestures, looks and speeches from visitors composing a narrative research with us. Based on concepts about the contemporary, we seek to understand makeup as a device for thinking about the feminine. Integrating the analytical corpus are the works of makeup artists, artists and designers who find loopholes and give new meanings to makeup. Through the provocations brought by his works, we realize that they are in desecration, since the works based on makeup do not act as a government device, failing to impose subjectivities on the subjects and lead to imprisonment for the beauty that standardizes bodies and femininities.

**Keywords:** Makeup, female, device, desecration.

#### Ateliê de criação

Vozes que ressoam e perpassam mulheres.

Anúncios provocativos. Fértéis em reflexões.

Polifonia que nos forma.

“(…) uma multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis, vozes plenas e consciências equipolentes (...) vozes e consciências que não são objeto do discurso do autor, são sujeitos de seus próprios discursos” (BRAIT, 2008, p. 194).

Discursos que nos imbuem enquanto mulheres, pesquisadoras. Vozes que permitem um ressoar e que compõem nossas reflexões sobre os atravessamentos da maquiagem no contemporâneo. E preenchem as mulheres que são partes deste estudo.

A inspiração para este texto surgiu de um ateliê de criação, elaborado para um evento de Ensino de Biologia, cujo objetivo era provocar os participantes e suscitar discussões, reverberações. E a partir do ateliê e das vozes que o complementaram, nosso texto tomou corpo.

<sup>1</sup> Licenciada em Ciências Biológicas e mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora no Centro Educacional Fernanda Carvalho (Cássia – MG). E-mail: [kcabralfaria@gmail.com](mailto:kcabralfaria@gmail.com)

<sup>2</sup> Licenciada em Ciências Biológicas e doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora no Instituto de Biologia e no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: [danielafrancoarvalho@gmail.com](mailto:danielafrancoarvalho@gmail.com)

Das mídias que acompanhamos todos os dias, o *Instagram*. Rede social em que há o compartilhamento de fotos e vídeos. Dos perfis que nós seguimos, estão as blogueiras e as maquiadoras. Mulheres que nos bombardeiam com imagens de peles perfeitas, maquiadas. E nos fazem pensar em beleza. Em nossa autoimagem.

Como a maquiagem perpassa a mulher? Nas mídias? No contemporâneo?

No *Instagram* nos deparamos com *flashes*, disparos de imagens de mulheres em um antes e durante a maquiagem. Mulheres que conosco habitam este tempo em que vivemos. Anônimas. Cobaias?



Figura 1: Transformação de rostos por meio da maquiagem – perfil do *Instagram* @goar\_avetisyan

Essas fotos pertencem ao perfil da maquiadora russa Goar Avetisyan (@goar\_avetisyan) no *Instagram*, que transforma rostos feridos e marcados por meio da maquiagem. Com produtos e técnicas, a antiga pele parece deixar de existir. O passo-a-passo de suas maquiagens podem ser vistos nos vídeos, nos quais algumas mulheres depois de serem maquiadas por ela, ao se verem no espelho pela primeira vez, choram, emocionadas. Olham-se repetidamente no espelho por não acreditarem que são elas mesmas no reflexo. As expressões tímidas do início do vídeo desaparecem e dão lugar a novos sorrisos.

Gritos eufóricos. Em admiração. Mulheres que ressurgem.

Mulheres em anúncios de cosméticos. Que dizem sobre olhos, cílios, bocas, peles e cores. Sobre mulheres. Vozes a serem escutadas, afinal seus apelos “para um olhar incrível”, “pele perfeita em segundos”, “aparência renovada”, remetem à ideia de que é possível, através dos cosméticos, aprimorar a aparência. E torná-la impecável! Com facilidade! Sem gastar muito tempo!

Para encantar, é preciso usar? Para brilhar mais, é preciso ter?

Para um olhar poderoso, intenso, de impacto, é preciso se maquiar?

Esses são os questionamentos através das frases e recortes de imagens de mulheres que estampam as revistas de cosméticos a que somos provocadas. Mulheres de idades várias. De cores ímpares. Com os corpos e órgãos que ali atuam. Bocas, olhos, narizes. Das frases que ali ecoam. Um convite.

É possível se enxergar para além dessas figuras tão vivas e impregnadas de discursos? Que nos contam sobre o que é agradável aos olhos. O que deve ser consumido. O que é necessário para coexistir com essas mulheres e esses corpos tão distantes das imperfeições comuns?



Figura 2: Objetos emblemáticos utilizados na oficina

O batom que facilmente pode ser levado aos lábios para uma coloração imediata. O laço para nós é um elo com aquilo que encantador, que é belo. É o laço de fita que as meninas usam no cabelo desde a mais tenra infância. E o martelo? O martelo para nós se apresenta como resistência, por oportunizar narrativas para além da maquiagem.

Narrativas de mulheres, de suas percepções. E foram deixadas expressões. Discursos perpassados por sentimentos. Reverberações do que são. Das impossibilidades. Perfeição. De romper e quebrar padrões. Afinal, existem regras? Sobre possibilidades. Ter escolhas. Um transmutar-se. Em liberdade. Vozes que ecoam. Singularmente. Inspiram.

Principalmente porque essas vozes singulares nos contam sobre as mulheres da contemporaneidade e sobre o que entendem a respeito da maquiagem e do próprio ato de se maquiar.

Com elas, podemos abrigar e fazer uso da polifonia. Escritos deixados que dialogam entre si, com as provocações do ateliê e conosco.

O ateliê foi para nós uma experiência propulsora, nos enchendo de possibilidades com relação à pesquisa. E por meio das vozes das mulheres que passaram a agregar o nosso discurso, de forma polifônica, através da interação com elementos midiáticos, pensamos na maquiagem como um dispositivo para pensar o feminino.

### **Maquiagem que aprisiona**

Pensando no sentido de que a maquiagem também é capaz de produzir novos rostos, será que podemos pensá-la como uma máscara do convívio social? Se algumas mulheres a utilizam como fonte de segurança emocional, como observamos a partir dos comentários no *Instagram*, ao lavar o rosto e retirar os cílios postiços, a autoconfiança também é retirada? Ou a outra narrativa do eu que criamos a partir dela não afeta a relação com outro? A maquiagem é capaz de afetar os relacionamentos?

Bauman (2005, p.67) fala de um “homem sem vínculos” líquido-moderno e que “passou a ser mais difícil, desconcertante e assustador assumir compromissos” (p. 37) e que somos inseguros no que se refere a construir os relacionamentos que desejamos. E ainda (p. 70), só nos sentimos seguros com o modo “consumista” de agir, e assim, reduzimos o amor a este modo consumista.

Neste contemporâneo em que não se pode esperar por segurança, Bakhtin é um autor a ser considerado por seus conceitos (SILVA, 2005, p.2). Por fazer pensar na relação eu-outro para além daquela que nos é imposta pelo mercado imagético que nos cerca. A alteridade é um desses conceitos, ao nos dizer que o ser humano não pode ser pensado fora da sua relação com o outro, pois só o é pelo outro. Segundo Oliveira (2013, p. 109) ao se constituir a partir do outro o sujeito também afirma sua singularidade, pois a alteridade não acarreta em uma diluição do “eu”.

Outro conceito de interesse é o dialogismo bakhtiniano. Segundo Brait (2008), a imagem do homem se faz em interação, em diálogo com o outro no qual me vejo e através do qual me reconheço e na imagem que o outro tem de mim, logo o eu não pode ser sozinho. É preciso do outro para que em conjunto, assumamos as multiplicidades que nos constituem, eu e outro, confirmando nossas existências.

Para Oliveira (2013, p. 109), bakhtinianamente, compreender a cultura do outro não quer dizer que tenhamos que nos transferir para aquela ou dela nos apropriarmos, mas olhar para o mundo do outro com os olhos dele se faz necessário para a compreensão daquele universo cultural, uma vez que o domínio do cultural é fronteiro.

Sem unilateralidades. Permitindo acepções. Apreendimentos. Enquanto seres singulares que se constituem uns com os outros e uns pelos outros, em coletivos, experimentamos afetamentos.

É possível considerar que os atravessamentos midiáticos que transpassam a maquiagem, reverberam, há muito, modos de ser e estar no mundo. Felicidade empacotada e rotulada. “A busca patológica por uma felicidade incondicional” (MATOS, 2012, p.76).

Com receita(s). Em garantia(s). Em regras. Que condicionam como estar para ser. O que ter para ser. Ser feliz. Ser feminina. Ser mulher. Especificando o passo a passo de uma felicidade a todo custo. Afetando os modos de viver, modos de enxergar o mundo e os modos de se enxergar e se constituir no mundo.

Essas possibilidades de identificação, fragmentos de vida e história remetem ao modo com que Clandinin e Connelly (2015, p.48) entendem a vida. Preenchida de elementos narrativos, concebidos no tempo e espaço, que podem ser compreendidos narrativamente e em descontinuidades. E com base na pesquisa narrativa configuramos esse texto. Buscamos elaborar pensamentos sobre como a maquiagem passa a capturar o sujeito de tantas outras maneiras para além dela mesma e para além do estar sobre a pele.

### **A maquiagem e o feminino na fluidez do contemporâneo**

Peles perfeitas. Recursos em abundâncias. Plásticas, cosméticos. Cheiros, cores. Marcas. Variedade inesgotável, fonte de renda. Mídia e indústria contribuindo na constituição de biótipos humanos. Femininos.

No século das relações humanas marcadas pelas mídias sociais, a busca pelo belo através da maquiagem muda seus rumos? Se antes a busca era para o visual em sua concretude real, através dos produtos diretamente na pele, agora é virtual, por meio dos aplicativos.

Levando em conta essas implicações e a aprimoração do “eu” pela maquiagem, a consideraremos como um dispositivo, tendo por base o conceito de Agamben (2009), em que o termo dispositivo vem do pensamento Foucaultiano, sendo um objeto ou ação, medida administrativa ou proposição filosófica, que seja utilizado pela sociedade do governo como método de controle, tendo sempre “uma função estratégica concreta e se inscreve sempre numa relação de poder” (AGAMBEN 2009, p. 29). Para Agamben (2009, p.38), os dispositivos implicam um processo de subjetivação, produzindo o seu sujeito.

Percebemos que a maquiagem pode atuar modelando condutas, gestos, opiniões e discursos dos sujeitos, o mesmo que, para Agamben (2009, p. 40), um dispositivo deve ser capaz de fazer. Para o autor (2009, p.42) não há um só instante em que o sujeito não esteja sendo capturado ou modelado por um dispositivo.

E mais ainda, Agamben (2009, p. 44) nos conta que, essencialmente, todo dispositivo virá de um desejo humano de felicidade, o que garante, subjetivamente, sua potência enquanto dispositivo.

E quanto desse desejo humano de ser feliz não está ligado ao desejo do corpo exuberante e rosto lapidado? À uma imagem elogiável? Através dos espaços midiáticos, que se restringiam ao cinema e revistas, hoje também são as blogueiras, através das atuações nas redes sociais, que garantem um *status quo* de perfeição.

Para Lipovetsky e Serroy (2015, p. 373) há um amplo uso estético do espaço virtual digital “porque é de fato um consumo de tipo emocional e estético que se realiza: as interações são feitas para se divertir e fazer passar o tempo, exprimir seus gostos, se pôr em cena, produzir uma imagem de si”.

Com sobrancelhas impecavelmente desenhadas. Olhos esfumados para garantir profundidade no olhar. Delineadores. Cílios postiços. Iluminadores nas têmporas. Contornos faciais para rostos mais harmônicos. Lábios contornados e preenchidos. Tudo isso muito bem explicado através de vídeos.

Se mesmo com os tutoriais de maquiagem não for possível atingir o padrão de rosto amplamente divulgado pelas mídias, não tem problema. Do Photoshop, ferramenta capaz de gerar novos contornos e aperfeiçoar formatos humanos (SOKOLOSKI, 2010, p.1), aos aplicativos para celular, qualquer *selfie* (*self-portrait*) pode ser melhorada. Fotos em que imperfeições faciais, já não existem.

Na sociedade do espetáculo (DEBORD, 2003) ter boas *selfies* é importante para entrar no jogo das curtidas. E se recusar a entrar nesse jogo é admitir uma exclusão social. Bauman e Donskis (2014, p.12) afirmam que fora das redes sociais, não se pode estar em lugar algum. Nesse sentido, o medo de não ser visto, de ser desimportante, aflige uma vastidão de pessoas, pois em terra de blogueiras, não ser notado equivale a deixar de existir.

Com a mídia oportunizando uma visão preferencial de mundo na qual a beleza e a juventude são atributos de felicidade, haverá possibilidade desse mercado algum dia parar de crescer? Esse apelo estético sacia a fome de felicidade a todo custo dos nossos “tempos líquidos” (BAUMAN, 2007)? Ou a induz? Uma vez que o que configura o tempo líquido pela beleza são as muitas possibilidades de ser eu e de ser outro.

Pensando neste espaço-tempo de fluidez que nos circunda e em nosso cotidiano bombardeado pelas mídias sociais a todo-instante-em-qualquer-lugar, vertemos olhares sobre a busca pela maquiagem e sua capacidade de modificar corpos. Essa busca é capaz de quais atravessamentos no feminino?

E isso está a toda hora sendo divulgado em produtos, propagandas, nas próprias mulheres com as quais convivemos. Que vivem em tentativas de aproximar-se da perfeição. De se permitir e ser prisioneira. Já que “quanto mais as mulheres apreciam sua aparência, mais suas imperfeições as obcecaram” (LIPOVETSKY e SERROY, 2015, p.360).

Como disfarçar o incômodo de não estar sempre com a pele impecavelmente uniforme? A busca pela maquiagem tem um objetivo? Realçar? Alcançar a beleza? Fazer-nos enxergar o belo? Belo que pode ser fabulado? As marcas do tempo? Minimamente reveladas.

Sobrancelhas sempre perfeitas, bem desenhadas, arqueadas. Olhos mais abertos, sombreados, amendoados. Demarcados e encompridados pelo delineador. Narizes esculpido. Maças do rosto saltadas, rosadas. Lábios ressaltados, proeminentes. Acentuados com iluminador. Contornados. Assumindo novas formas pelo lápis. Artificialmente coloridos pelo batom.

Rostos maquiados, manipulados? Com partes ora enaltecidas. Ou ocultadas. Disfarçadas. Talvez seja preciso modificar. Emagrecer. Fazer saltar. Suavizar. Escravizar. Maquiar-se. Obedecer à moda, volátil e em ondas. Um padrão. Que se quebra e se mantém, em imensidão de escolhas. Umas em maré alta, outras não.

Jogo de consumo. Lista de produtos. Quem vende? Quem produz? Compram, todos. Afinal, é preciso ter cores. Texturas. Para o dia. Para a noite. Para ir e vir. Com a face que era- já não é - vir a ser será. Será belo. Iluminado. E se não for, não pode ser? Onde sobra espaço para as escolhas?

### **Espelho, espelho meu...**

Da Branca de Neve às *selfies* no espelho, esse objeto nos conduz a pensar sobre como encarar a realidade espelhada em um contemporâneo que vende felicidade, mas exige corpos livres de imperfeições. Em que damos valor aos pequenos disfarces em busca de um possível bem-estar. Somos objetificados ao nos olharmos para o espelho? Conseguimos nos enxergar ou nossa imagem é invadida por esse contexto imagético-cultural?

Conseguimos romper com este objeto-espelho que é vendido nas redes sociais?

O uso de aplicativos e filtros que retocam fotografias virtualmente, nunca foi tão frequente. E Sokoloski (2010, p. 10) nos ajuda a entender o porquê, ao nos contar que “a apropriação de um novo contorno corporal, traz na produção imaginária do sujeito, uma “aprovação” que se espera da sociedade num estímulo à autoestima”.

Quantas imagens cabem no espelho? Quantas possibilidades de reflexos de pertencimento ao tempo em que estamos?

Para Agamben (2009, p. 58) o sujeito contemporâneo é anacrônico e dissociado, pois para pertencer, de fato, ao seu tempo, é preciso não coincidir perfeitamente com este, nem estar adequado às suas pretensões, pois só assim consegue perceber e apreender o seu tempo. Para esse autor (2009, p. 59), aqueles que coincidem muito plenamente com sua época, não podem ser contemporâneos, pois não conseguem vê-la como de fato ela é.

Para nós, contemporâneas são aquelas mulheres que enxergam para além do que o espelho conta, que conseguem perceber as amarras do nosso tempo, o consumo excessivo, a estetização do mundo. A beleza e felicidade a todo custo. Os excessos que trazemos para frente do espelho.

Será que a imagem no espelho nos pertence de fato?

Aliadas a Agamben, conseguimos perceber a maquiagem como um dispositivo, ideia que se reforça ao atentarmos para o fato de que, para esse autor (2009, p. 28) o dispositivo se constitui no dito como no não dito e na relação que se estabelece entre esses elementos.

Agamben também nos diz que o dispositivo atua nos processos de subjetivação que constituem o sujeito (AGAMBEN, 2009, p.13). Mas na fase atual do capitalismo, os dispositivos com os quais temos contato não agirão tanto na produção dos sujeitos a não ser pela dessubjetivação (AGAMBEN, 2009, p. 48) o que tem força de sentido para nós, pois a maquiagem, enquanto alvo da produção artística pode nos fazer ir além de nós mesmos, enquanto dispositivo.

Um exemplo a partir do qual delineamos esse pensamento é a designer Ana Strumpf, cujo trabalho intitulado “Re.Cover”. O padrão modelo-moda-consumo de volatilidade das capas de revista. Outro ritmo a elas é dado. Irreverência. Diversão.

Revistas que lançam conceitos e tendências. Que movimentam um mercado milionário de publicidade do mundo da moda. Vogue, Bazar, AnOther, Vanityfair. Agora, com um protagonismo antagônico.

Figura 3: Re.Cover, de Ana Strumpf (www.anastrumpf.com.br)



Sobre a maquiagem da modelo e a edição da fotografia, as sobrancelhas são refeitas. Em festa de cores e formas. No lugar da sombra, estrelas ou flores surgem.

E assim, o trabalho de Ana Strumpf faz o que o *Stories* do *Instagram* faz, em que o fabulado passa a constituir o corpo materializado do sujeito. Filtros comemorativos, florais, filtros que trocam rostos, que animalizam humanos. *Re.cover* disponível em qualquer celular. Maquiagem como dispositivo de refabulação de corpos já fabulados em tons, técnicas, tendências. Que permitem um borbulhar de inquietações.

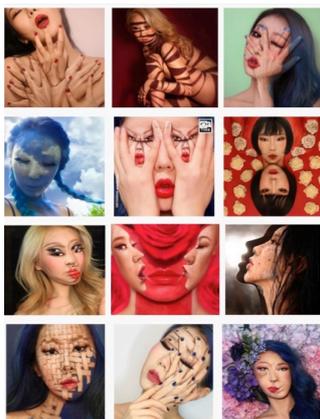


Figura 4: O ilusionismo de DainYoon (<http://dainyoon.com>)

Como DainYoon, uma artista da ilusão. Com seu *Instagram* @designdain, da Coreia do Sul para o mundo. Maquiagem, tintas e pincéis performando novos corpos. Em perspectivas. Em ilusões. Em interação com o espaço a sua volta. Em camuflagem. Com paisagens. Com outros planos. Composto rostos. Que se fragmentam. Que se multiplicam. Dimensões de outros olhos, olhares. Inúmeros dedos. E outros narizes. E variadas bocas. Em muitas faces.

Através de Dain, podemos entender a maquiagem como dispositivo de questionamento da multiplicidade de outros em nós mesmos. Se podemos ser tantos, tão diferentes, porque aceitamos padronizações? E pensando assim, temos a maquiagem enquanto dispositivo de subjetivação de um sujeito que pode ser vários. Que pode ser artista. Artista que cria fabulações através da maquiagem.

Nina Codorna é uma delas. Uma *Drag Queen* vencedora do concurso de maquiagem artística *Face Awards Brasil*, promovido pela NYW Cosmetics. Quem lhe dá vida é o designer e publicitário baiano Marcos Filho. Em liberdade. Modos de fazer, no *Youtube*. Em diversidade. De personagens. Humanoides. Interplanetários. Com figurinos. Com Cenários. E cenas. Com cores. Texturas. Que vibram.



Figura 5: Imagens do perfil do *Instagram* @ninacodorna

Subversão ao que é imposto? Maquiagem-dispositivo do não. Para uma fabulação do sim, de outro corpo que fala e surge através da maquiagem. Distanciamento do real. Vivência de um ser contemporâneo.

Pois para ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz (AGAMBEN, 2009, p. 65). Facho de luz que subverte as sombras do que deve ser.

Corpo que abriga novas narrativas...



Figura 6: Apropriações em cores de Joe Cruz (<http://jcruz.co.uk/>)

Tal e qual se dá nas fotografias de Joe Cruz. Arte, moda. Em baixos custos. De um passado recriado, para o presente. Apropriação. Para novas fotografias e rostos. Maquiagem: dispositivo que debocha dos rostos públicos. Afinal o corpo da revista é público? Esses corpos públicos podem ser sujeitados a tudo? São corpos em que tudo é permitido? É corpo-objetificado pela sociedade do espetáculo? Novas maquiagens que cobrem faces talvez já des-importantes ou esquecidas.

Maquiagem virtualizada em sombras, batons, rímel e blushes que contornam, riscam e brincam com o corpo outrora glamourizado, numa tela do agora, inusitada em formas e coloridos. Corpo-provocação, mesmo contra a vontade. Em meio a pincéis, fictícios ou não, Resignificações. Que dão novos sentidos para as fotografias, para a maquiagem. Por imagens apreendidas, apoderadas, apossadas.



Figura 7: Bordados e colagens no *Instagram* de @jamie\_rawlings\_artist

Ressignificações que também ocorrem na obra fotográfica de Jamie Rawlings.

Com bordados. Colagens. Recortes. Maquiagens irreais. Lineares. Geométricas. Que permitem rostos vindos do espaço. Galácticos. Difusos. Assimétricos. Faces compostas. Olhos ressaltados, lábios contornados. Um maquiagem, em um viés distinto. De outras coloridas linhas. Que perpassam mulheres, feminilidades.

Dispositivo que passeia pelo passado e traz para o tempo presente os corpos de mulheres desconhecidas, anônimas, que passam a ser outras.

Maquiagens decompostas, perfuradas, craqueladas. Na finitude de estar, em infinidades de ser, se eternizam no perfil do *Instagram*. Seria aqui a maquiagem túnel do tempo? Que permite ao passado assumir outros significados?

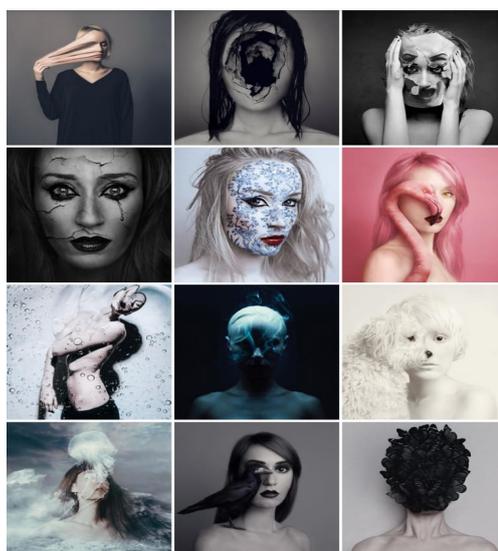


Figura 8: Maquiagem imaterial de Flora Borsi (<http://floraborsi.com/>)

Entre luzes e sombras, está a obra de Flora Borsi, uma artista visual da Hungria, que através da fotografia e edição gráfica alia elementos humanos e não humanos em cores, em dualidades de sentidos. Em um maquiagem do imaterial.

Criando atmosferas que nos levam a enxergar a maquiagem como um dispositivo de reverberação de pensamentos, emoções. Que parece expressar a profundidade de desejos e sonhos, em fúria e calma. Uma revelação da psique em fuga.

De uma intimidade que desponta de maneira extracorpórea.



Figura 9: Imagens das produções da maquiadora no *Instagram* @isamayaffrench

As maquiagens de IsamayaFfrench fabricam rostos envelhecidos. Plastificados. Andrógenos. Para além da realidade que enxergamos.

Um complemento, além das roupas, acessórios, moda. Repleta de percepções. Alucinógenas. Artísticas. Esculturais. Com sombras e técnicas. Uma maquiagem capaz de denunciar. Dispositivo de resistências?

Tela humana, corpo vivo e maquiado. Por uma maquiagem que se desprende da estetização da beleza. Olhar sensível que torna a maquiagem dispositivo artístico, em que a produção se dá no corpo, muito além dos quadros e fotografias.

Maquiagem que borra por tocar outras sensibilidades. Que midiaticamente, ao invés de projetar moldes de ser, está em rebelião com esse modelo. Vão nos dizer sobre a singularidade. Tecendo alianças entre a maquiagem e a edição fotográfica, o artista russo Sam traz não-modelos de corpos com anatomias reprogramadas. Corpos alienígenos construídos por maquiagem.

Corpos modificados. Em olhos invertidos. Desalinhados. Narinas interceptadas. Narizes deslocados, reposicionados. Bocas assimétricas, em formatos não humanos. Corpos assim maquiados, transmutados, permitem a experimentação de novas realidades? Da construção de um novo olhar para o próprio corpo?

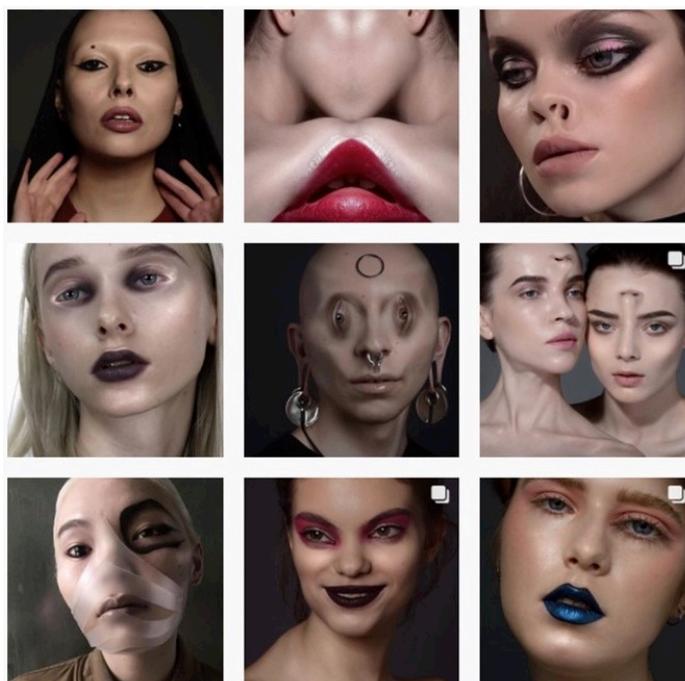


Figura 10: Novas anatomias no *Instagram* de @sam\_makeup\_art

Maquiagem atuando como dispositivo para a invenção de outros corpos, que rasgam padrões, biotipos. Que assumem possibilidades inimaginadas de ser. Ser sem. Ser em totalidade inventiva do desejo.

Enquanto espectadores, através da maquiagem, passamos a ser obra, passamos a ser autores, artistas. Pela maquiagem, enquanto dispositivo que transborda a função de apenas maquiar, conseguimos romper barreiras, quebrar padrões e pensar no contemporâneo.

### **Biologias em profanação**

Se o contemporâneo deve possuir a capacidade de responder às trevas do agora e romper as barreiras do tempo presente (AGAMBEN, 2009, p. 72), os artistas ao abrir espaços para sensibilidades outras estão transgredindo as amarras do agora, entrando em um processo de profanação, conceito *agambeniano*, que vem do direito e da religião e vai se referir em Agamben (2009, p. 45) como o “contradispositivo que restitui ao uso comum aquilo que o sacrifício tinha separado e dividido”.

Profanação, pois passam a não agir na produção de um tipo de sujeito, já que as obras de arte pautadas na maquiagem não agirão como um dispositivo de governo, do aprisionamento pela beleza que padroniza corpos, feminilidades.

O discurso do contradispositivo é de que aquele objeto que é dotado de poder e controle, volta ao seu uso comum, não no sentido do objeto por ele mesmo, mas como aquele que atribui uma liberdade ao sujeito que passa

a não ser mais subjetivado a utilizar o objeto, o dispositivo, ou a fazer parte daquele dispositivo para se constituir enquanto sujeito. Isto é, ele deixa de se limitar à manutenção de uma governabilidade.

Assim, pensar a maquiagem com as obras de arte, nos mostra que é possível transgredir a ideia de que sua atuação consiste apenas em modelar sujeitos, o mesmo que, para Agamben (2009, p. 40), um dispositivo deve ser capaz de fazer.

Se “ao profanar, as coisas são trazidas de volta à possibilidade de um uso lúdico(...) quando as coisas estão disponibilizadas para um livre uso, elas já não podem mais formatar a vida, resplandece assim a forma-de-vida” (BAPTISTA, 2015, p. 19), a partir do olhar que lançamos com os artistas, podemos intervir nos processos de subjetivação que a maquiagem, enquanto dispositivo poderia impor.

Compreendemos que não é possível um sujeito sair do tempo-espaço em que vive, mas é possível ter liberdade para ser responsável por seus atos e pensamentos ao deixar de ser assujeitado, não usando álibis para sua existência, sendo sujeito por ele mesmo. Bakhtin (2010, p.22) vai falar do sujeito que vive a partir de si mesmo, de seu próprio lugar singular, mas que isso não significa viver apenas para si, mas assumir a “responsabilidade sem álibi em seus confrontos”, sabendo da existência do outro, que também é singular e insubstituível. Neste ponto de ruptura, apesar de se constituir nas relações de poder, pode vir a lançar outro olhar para a maquiagem no contemporâneo. Percebendo que “é possível e necessário instaurar um novo uso das coisas no mundo” (BAPTISTA, 2015, p.11).

Reafirmando-se enquanto sujeitos que trazem afirmações, perpassados por ideais, por ideias. Por mídias e também pelo outro. Por biologias. Pelo tempo que vive. Pelas experiências vividas. Sem formatações. Livre.

## Referências

- AGAMBEN, G. (2009). *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos.
- BAKHTIN, M. M. (2010). *Para uma filosofia do Ato Responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2ª. ed. São Carlos: Pedro e João Editores.
- BAPTISTA, M. R. (2015). A profanação dos dispositivos em Giorgio Agamben. *Estação Literária*, Londrina, v. 13, p. 10-23.
- BAUMAN, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.
- BAUMAN, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BAUMAN, Z.; DONSKIS, L. (2014). *Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.
- BRAIT, B. (2008). *Bakhtin: Conceitos-chave*. 4ª. ed. São Paulo: Contexto.

- CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. (2015). *Pesquisa Narrativa: Experiência e História em Pesquisa Qualitativa*. Tradução de Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. 2ª. ed. Uberlândia: EDUFU.
- DEBORD, G.(2003). *A sociedade do espetáculo*. [S.l.]: [s.n.], 2003. 140 p. Disponível em: <[https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/32300914/A\\_sociedade\\_do\\_espetaculo.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1505460845&Signature=ekpBy%2BZb4ZT63Ka4FeHzVY2JYiI%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DA\\_SOCIEDADE\\_DO\\_ESP](https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/32300914/A_sociedade_do_espetaculo.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1505460845&Signature=ekpBy%2BZb4ZT63Ka4FeHzVY2JYiI%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DA_SOCIEDADE_DO_ESP)>. Acesso em: março 2021.
- LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. (2015). *A estetização do mundo: Viver na era do capitalismo artista*. Tradução de Eduardo Brandão. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- MATOS, D. C. (2012). Felicidade e sentido de vida na sociedade de consumo. *Revista Logos & Existência*, 1, p. 72-78.
- OLIVEIRA, M. B. F. (2003). Cultura e alteridade em diálogo no Círculo de Bakhtin e nos Estudos Culturais. In: CAMPOS, D., et al. *II Encontro de Estudos Bakhtinianos. Vida, cultura, alteridade. [Encontro Bakhtiniano com a vida e as esferas culturais. EEBA/2013 - Caderno 3]*. São Carlos: Pedro e João Editores.
- SILVA, D. N. E. (2005). Bakhtin, a identidade e a (est)ética: por um diálogo com as teorias da pós-modernidade. *Intercâmbio - Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem*, São Paulo, v. 14, 2005. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3928>>. Acesso em: março 2021.
- SOKOLOSKI, M. E. Do pó de arroz ao photoshop. *Razón y Palabra*, v. 15, n. 74, p. 10, Novembro. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/N/N74/VARIA74/01SokoloskiV74.pdf>>. Acesso em: março 2021.